

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Educação e Ambientalismo (1)

Artigo 18, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov 2007

Capítulo Cinco: tratemos agora de Educação e Ambientalismo.

Concluimos o artigo anterior com a constatação da urgente necessidade de mudarmos nossa maneira de ocupar a Terra e seus vários e maravilhosos recantos.

Aqui "urgente" significa "imediata", é para **já e agora**, não para amanhã. Metemo-nos por nossa conta em uma espécie de corrida maluca; teremos que lidar com isto nós mesmos, **todos e cada um de nós**. O tempo urge e rugue.

Como é possível *modificar nossa relação com o que nos cerca* para um modo, digamos, mais saudável?

Penso que só transformamos nossa maneira de ver, nosso *sistema de crenças*, nossa maneira de agir (v. artigo de Abril/2006), por meio de **experiências reveladoras**, um salto quântico.

Conhecemos duas maneiras de isto acontecer: como inúmeros pesquisadores já apontaram, sabemos genericamente que o melhor caminho é pela educação; mas há também o caminho da tragédia, do sofrimento.

Como pais e educadores, sempre desejamos que nossos filhos e nossos alunos aprendam pelo caminho mais suave, sempre procuramos "o melhor para eles"; mas existem, é claro, as exceções.

No artigo anterior deixamos a pergunta: *apostemos na educação como descolamento à barbárie, sim. Mas que educação?*

Será adequada esta em vigor, que continua a reproduzir os equívocos de sempre, os modos de sempre e seus "aperfeiçoamentos" metodológicos, técnicos, administrativos para que rumemos mais rápida e eficientemente em direção ao nada?

George Bernard Shaw (1856-1950), irlandês, dramaturgo, escritor e

pensador, tinha uma frase hilária: "*Os seres humanos nascem ignorantes, mas são necessários anos de escolaridade para torná-los realmente estúpidos.*"

Para onde nos levará um modo de viver (ou seja, um modo de existir, ocupar espaços e estabelecer relações) que parte de princípios como "luta ou conquista da natureza", "recursos infundáveis", "crescimento, acumulação ou enriquecimento ilimitados", "somos os senhores do planeta", "levar vantagem", "fazer antes que outro aproveite", "quem vier depois que resolva" e outros mais deste gênero?!

Como já vimos, o nosso *sistema de crenças* dirige a maneira como vemos a nós próprios, os outros, nossas relações com eles e com o entorno, seja físico ou social.

Quando estabelecemos estas relações, criamos também um modo de viver (*modus vivendi*), uma "filosofia de vida", uma forma de nos apropriarmos dos recursos de que necessitamos e daquilo que nos cerca, ou seja, determinamos aquilo (as relações) a que chamamos de *economia* e de *política*, estejamos ou não conscientes disto.

Neste sentido, o sistema de crenças e a ação conseqüente, as relações estabelecidas, a filosofia de vida, a política, a economia, a educação são aspectos do mesmo problema: nós.

Lembro-me que minha então jovem geração perguntava-se, idealista, ingênua e estarecida, "mas se o problema está claro e quase todo mundo está infeliz, porque não paramos e mudamos o rumo?" No entanto, os equívocos prosperaram, pouco mudou, dificuldades agravaram-se.

Como enfrentar os problemas gerados por um modelo esgotado em todos os sentidos, baseado em princípios egocêntricos, de reprodução de erros e de manutenção do *status quo*, a produzir

e aprofundar a alienação, juventude sem perspectiva, vida sem sentido, eterna “luta contra a Natureza”? Que fazer?

Que significado saudável poderemos dar ao que chamamos de *educação* senão como uma *jornada pelo ou em direção ao conhecimento*, trilhando um caminho pela construção deste conhecimento e concebendo-o, afinal,

como *instrumento para a compreensão e a preservação da vida*, realizando *mudanças* sempre que necessário?

Considerando a educação e os professores como chave para a solução, na próxima edição avançaremos na relação entre Educação e Ambientalismo.

Educação e Ambientalismo (2)

Artigo 19, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Dez 2007

Capítulo Cinco, ainda: avancemos no exame das relações entre Educação e Ambientalismo.

Concluimos o artigo anterior na afirmação do nosso modo de ver a Educação: uma *jornada em direção ao conhecimento*, seja no universo exterior, seja em nosso universo interior.

Para que ela seja saudável, libertadora, não podemos ser relegados ao mísero papel de meros consumidores de "conhecimento" produzido por alguém. É necessário e imprescindível que nessa caminhada reconstruamos o conhecimento existente para que nos tornemos aptos a criar o nosso próprio conhecimento, real e inalienável.

Penso que só assim ela se constituirá num *instrumento para a compreensão e a preservação da vida, realizando mudanças sempre que necessário*.

Nesse sentido lembramos, como bem sintetizou o poeta Antonio Machado (espanhol, 1875-1939) em "Cantares": "*Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar*".

Esta caminhada não é solitária, embora, como já dito no artigo de Ago 2006 (Espaço e Ambiente), ela seja exclusivamente nossa; ninguém a fará por nós.

Em minha andação juvenil tive a imensa sorte de contar com três, talvez cinco ou seis, professores que por sua atitude e ação mereceram esse título, mestre, hoje infelizmente tão desvalorizado.

Com eles, meus amigos e eu revimos as jornadas realizadas antes por tantos pioneiros; com eles as recriamos várias vezes, nos deslumbramos, aprendemos a criar e a fazer ciência e, por fim, a criticá-los.

Com eles nos tornamos novos desbravadores e novos mestres.

São inúmeros os pioneiros que desenvolveram e sistematizaram este

aspecto da realidade, do conhecimento, em jornadas heróicas de homens e mulheres a exemplo Makarenko, Piaget, Vygotsky, Montessori, Paulo Freire e tantos outros, sem esquecer dos essenciais Freud e Einstein.

Não é simples e não é fácil, mas é *possível* e é, sobretudo, *necessário*. É sempre bom lembrar o que disse Issac Newton (inglês, 1642-1727), matemático, físico, gênio que nos arrancou de uma concepção medieval e mística do universo para nos apresentá-lo como algo compreensível: "*Se fiz descobertas importantes, deve-se mais por ter paciência do que qualquer outro talento*".

Todos estes heróis e heroínas, além de alguns milhões de outros abnegados famosos ou anônimos, têm ofertado generosamente suas vidas e suas contribuições para, *sim, descolarmo-nos à barbárie*.

Relembrando nossa trajetória nesta coluna, aqui tratamos de Tempo, Espaço, Ambiente, Ecologia e agora examinamos Educação para a seguir tratar de Ambientalismo.

Talvez a esta altura comece a ficar evidente ao leitor atento que, já que deixei claramente expostos:

- a minha preocupação pelo destino de todos nós enquanto indivíduos e comunidade e enquanto espécie,
- que temos colocado em risco o delicado equilíbrio que tornou possível nossa existência e a de tantas outras espécies,
- que isto comprovadamente se deve ao nosso discutível estilo de vida,
- que para que se torne possível mudá-lo para um modo saudável, logo, inteligente, é preciso compreender o que realmente se passa,
- que para que esta mudança aconteça é necessário que pessoas em número

significativo estejam determinadas a fazê-lo e passem a agir,

então considere natural propor que o processo a que chamamos de Educação passe por uma *profunda transformação*, pois é ele que, em princípio, pode transformar e acordar nossa percepção ou, ao contrário, pode simplesmente adormecê-la, alienando-nos à realidade e mantendo-nos rumo ao desastre.

Não nos basta “aumentar a Educação”, é preciso colocá-la **a serviço da vida**. Para isso, é necessário compreendê-las em profundidade e, pelo menos, em todos estes aspectos que venho incansavelmente tratando aqui.

Vale a pena lembrar também o filósofo Karl Raimund Popper (austríaco, 1902-1994): *“As teorias científicas distinguem-se dos mitos unicamente por serem criticáveis e por estarem abertas a modificações à luz da crítica”*.

No próximo artigo concluiremos esta reflexão.

Com mais um ano se encerrando, quero deixar a todos vocês meus calorosos votos de um Feliz Natal e um novo ano pleno de sonhos coroados por realizações.

Educação e Ambientalismo (3)

Artigo 20, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jan 2008

Capítulo Cinco: agora para complementar o tema Educação e Ambientalismo.

Nos artigos anteriores tratamos da urgente necessidade de uma *profunda transformação* na Educação.

Entendemos aqui por educação não apenas o que se passa nos bancos escolares: o processo começa assim que somos dados à luz e se estende por todo nosso tempo de vida, em casa, na escola, no trabalho, em todas nossas interações e relações (sociais, culturais, políticas, econômicas etc).

Trata-se de um sistema de crenças e de uma forma de ver e de se relacionar com o entorno.

Para a desgraça de todos nós, o que temos visto no processo educativo é a crescente dissociação dos saberes divididos em disciplinas e, pior, a colocação do processo educacional a serviço dos interesses elitistas de uma ínfima parcela das comunidades. Temos cada vez mais a Educação a serviço de valores baseados em *egocentrismo e competição*, quando o que necessitamos todos é que esses princípios sejam *alteridade e colaboração* (v. Espaço e Ambiente, Jun 2006).

Concebo a educação não como um processo à parte do todo, mas justamente exercendo ***o papel central na integração dos saberes a serviço da vida.***

É luminoso o pensamento de Edgar Morin (francês, 1921, formado em Economia Política, História, Geografia e Direito) a respeito:

"O papel da educação é de nos ensinar a enfrentar a incerteza da vida, é de nos ensinar o que é o conhecimento; porque nos passam o(s) conhecimento(s), mas jamais dizem o que é o conhecimento. E o conhecimento (também) pode nos induzir ao erro..."

Conhecimentos estes que as disciplinas não só separam como tampouco comunicam. Nós aprendemos a analisar, a separar, mas não aprendemos a relacionar, a fazer com que as coisas se comuniquem (e façam sentido); ou seja, o tecido comum que une os diferentes aspectos dos conhecimentos em cada disciplina se torna completamente invisível. Ora, existe um tecido comum, mesmo que você estude economia...

O papel da escola passa pela porta do conhecimento: é ajudar o ser que está em formação a viver, a encarar a vida. O papel da escola é nos ensinar quem somos nós, nos situar como seres humanos, nos situar na condição humana diante do mundo, diante da vida, nos situar na sociedade. É fazer conhecermos a nós mesmos...

Logo, é preciso saber estudar o problema do conhecimento. Em outras palavras, o papel da educação é de instruir o espírito a viver e a enfrentar as dificuldades do mundo".

Sabemos que essa transformação não será fácil e por diversos motivos.

É notória a resistência aos novos conhecimentos que desafiam padrões estabelecidos e interesses contrariados.

Além disto, mesmo entre os que buscam as mudanças há uma imensa falta de clareza de conceitos e princípios. Por exemplo, quando se fala em Educação Ambiental como agente de uma transformação nos usos e costumes.

Com uma alarmante frequência essas propostas repousam apenas em ações comportamentais: o lixo-vidro na cesta verde, o papel na azul, fechar a torneira ao escovar os dentes etc.

Vejo a raiz deste equívoco quando ouço falar em transversalidade de temas na Educação e em pluri, inter, multidisciplinaridade, aí convertidas num mero jogo de juntar cacós.

Entendo que o erro está no ponto de partida: segmenta-se o conhecimento em disciplinas estanques, depois tenta-se juntar tudo... e o gato continua morto (v. artigo de Fev 2006). Desta maneira, os conhecimentos e a educação ambiental (que, para mim, abarca todas as demais) não servem nem mesmo como convergência.

Penso que a via saudável é tratar as realidades, os conhecimentos, como aspectos do mesmo problema, pontos de vista a desenvolver e exercitar para observação e abordagem.

Enquanto fragmentado, o saber não oferece nem sentido, nem interesse, ao passo que, respondendo a indagações e curiosidades, ele se realiza. Educar e educar-se é organizar conhecimentos, estabelecer correlações, recriar e criar conhecimentos, senão nosso aprendizado e diplomação serão desprovidos de significado.

Trata-se, no dizer de Morin, de "*ensinar a condição humana*" em nossa jornada pelo universo. Com ele concordo, "*o ensinamento da incerteza que caracteriza o mundo deve partir das ciências*". Urge alcançar o que ele define como "*cabeça bem-feita: a arte de organizar seu próprio pensamento, de religar e, ao mesmo tempo, diferenciar; ligar o saber à dúvida, integrar o saber a um contexto global e também à sua própria vida*".

Como testemunho pessoal, digo que escrevo porque tenho o que dizer; digo-o porque vi e compreendi; alcancei-o porque tive coragem e esperança. Sem curiosidade e esforço não há conhecimento, sem conhecimento não há critério, sem critério não há escolha, sem escolha não há liberdade, não há cidadania; o motor de tudo, a coragem.

Impõe-se para a nossa salvação, em resumo, a **visão ambientalista** como transformadora do modelo educacional e de nossas vidas.